



De Morgagni e Virchow: os percursos da anatomia patológica de Lisboa

Jorge Soares

*Médico. Professor catedrático da Faculdade de Medicina
da Universidade de Lisboa*

Se a escolha apropriada dos nomes serve para dar significância às coisas, não se conhece que haja acordo sobre onde e como nasceu ou ganhou sentido o termo «anatomia patológica». A anatomia normal, na descrição minuciosa e requintadamente ilustrada do corpo humano, que encontra nos desenhos de Leonardo a sua expressão mais conhecida, havia apaixonado a comunidade científica do século XVI. Mas a observação da morfologia humana normal através da dissecação cuidada de cadáveres também ia mostrando que havia alterações nos órgãos internos, cuja explicação poderia vir a relacioná-las com as afecções de que os doentes tinham padecido e foram causa da sua morte. Foi, porventura, Friedrich Hoffmann quem, pela primeira vez, usou a designação «anatomia patológica», para lhe atribuir essa outra dimensão: o estudo e o conhecimento, visível ao olho humano, da morfologia alterada das estruturas doentes, que ultrapassavam o espólio científico da anatomia normal, reproduzido em textos e atlas com desenhos magníficos, dos séculos XVI, XVII e XVIII. Veio a ser Giovanni Battista Morgagni (1669-1760) quem registou, num texto popularizado por várias edições da sua versão original em latim, *De sedibus et causis morborum. Per anatomen indagatis*, as alterações patológicas encontradas nas autópsias e lhes deu uma ordenação lógica de intenção classificativa.

Estudante de Valsalva, Morgagni sucedeu ao seu mestre no ensino da anatomia normal, em Pádua. Já no final de uma longa carreira na universidade acede a publicar um espesso e detalhado tratado onde descreve mais de seiscentas autópsias, por ele próprio realizadas em doentes que acompanhara durante a vida, como médico pessoal, relatando, de uma forma minuciosa, a evolução da doença até à morte. Perspicaz, cuidadoso no registo dessas observações, Morgagni foi pioneiro no método de correlacionar os sintomas e os sinais clínicos, registados em vida, com as lesões cadavéricas, identificadas no exame necrópsico, vindo a introduzir assim e, pela primeira vez, o conceito de método anátomo-clínico. A sua obra, editada em outras línguas, facto que ilustra a importância que a comunidade médica lhe reconheceu, descreve as observações macroscópicas de modo a obedecer à ordenação «da cabeça para os pés», de acordo com uma tradição que encontra as suas origens na medicina da Antiguidade.

Morgagni, que muito contribuiu para aperfeiçoar a técnica do exame necróptico, relatou com detalhe «os malefícios das doenças venéreas», concluiu que a

«origem da apoplexia eram lesões dos vasos do cérebro» e, também, que certos casos de «sufocação pulmonar» se explicavam pelo «endurecimento das válvulas do coração». Foi, pode dizer-se, o fundador da anatomia patológica. A sala das autópsias, muito justamente, é ainda hoje conhecida por «casa de Morgagni» e a mesa de dissecação dos cadáveres também lhe guardou o nome, em homenagem ao autor da mudança no paradigma que buscava uma explicação científica para as doenças. Não há notas registadas sobre a repercussão das ideias de Morgagni em Portugal, embora se tenha a noção que no Hospital de Todos os Santos foram efectuadas autópsias de cujos propósitos não ficou guardada memória. Foram precisos mais dois séculos para que este modelo da relação clínico-morfológica viesse a incorporar outros conceitos, que a utilização do microscópio veio a proporcionar. Curiosamente, as origens deste instrumento, que viria a revolucionar o conhecimento médico a partir da segunda metade do século XIX, são quase contemporâneas da publicação das minuciosas observações macroscópicas das autópsias realizadas por Morgagni e incluídas na sua obra maior, *A situação das doenças demonstradas através da anatomia*.

Com efeito, Leeuwenhoek (1632-1723) desenvolvera um artefacto novo quando juntou, de um modo engenhoso, duas e mais lentes ópticas, que ele próprio havia polido. Leeuwenhoek seria um improvável cientista, já que o seu propósito era somente ampliar a observação das fibras de algodão e linho a fim de escolher as que ofereciam melhores garantias para serem usadas na confecção de tecidos, actividade que desenvolvia na sua cidade natal de Delft e fora, com modesto sucesso financeiro, herdada de seu pai. Leeuwenhoek procurava maior prosperidade para o seu negócio, aperfeiçoando a qualidade da matéria-prima para corresponder às exigências do requintado vestuário da burguesia holandesa, endinheirada pelos negócios do comércio marítimo, que encomendava pintura a Vermeer, seu conterrâneo e amigo de infância. A ideia de juntar lentes não seria, aliás, original. Robert Hooke, em Inglaterra, de quem se conhecia o trabalho *Micrographia* e Jan Swammerdam, seu contemporâneo, tinham também ensaiado a construção de instrumentos com recurso a lentes compostas e, já anteriormente, Galileu tinha conseguido observar de perto e com minúcia, órgãos de insectos pequenos, usando para o efeito as lentes da sua luneta astronómica.

A curiosidade de Leeuwenhoek levou-o a estudar tecidos que a natureza generosamente lhe oferecia, fossem sólidos ou líquidos. Descreveu os minúsculos corpúsculos do sangue, os glóbulos vermelhos, observou e desenhou os animálculos, diferentes formas das bactérias (cocos, bacilos, vibriões, espirilos), que ainda hoje baseiam a respectiva taxonomia. Procurou também em ejaculados o que achava que poderia corresponder à «fonte da vida» e encontrou várias formas de células sexuais, que desenhou com precisão e elegância, chamando-lhes homúnculos, por lhe sugerirem «homens pequenos». Mas Leeuwenhoek não tinha estudos universitários ou formação científica, nem sabia latim, o que limitava a possibilidade de divulgar estas descobertas, cuja notícia a elite científica culta da época recebia com reticência e até desdém. Persistentemente, Leeuwenhoek foi sempre aperfeiçoando os seus modelos de microscópio, que lhe aumentavam a capacidade de ampliação, e enviava-os regularmente, em conjunto com as observações que efectuava, para a respeitável Royal Society de Londres, na expectativa de recolher crédito científico para o seu invento, que acreditava iria revolucionar os conhecimentos da biologia. A sua insistência veio a ter acolhimento. A Royal Society encomendou a Robert Hooke, prestigiado homem de ciência inglês, multifacetado nos seus interesses e celebrado por muitas descobertas, a avaliação criteriosa das possibilidades científicas do invento de Leeuwenhoek e da veracidade dos resultados de que se fazia acompanhar.

Com o microscópio, Robert Hooke observou tecidos vegetais e descreveu a simetria harmoniosa da justaposição de elementos repetitivos muito pequenos, uma pequena «comunidade» que fazia lembrar uma colmeia. Chamou-lhes «células» e o termo ficou até hoje. Nos finais do século XVII, Marcello Malpighi, reputado professor da Universidade de Roma, usa o microscópio, aplicando-o ao estudo de vários tecidos humanos e assim descreve capilares, glomérulos renais, a lobulação do fígado, a constituição da pele, registando, em magníficos desenhos aguarelados, o quanto a diversidade microscópica espelhava as

diferenças na constituição macroscópica. Entretanto, os fabricantes de instrumentos científicos requintavam no desenho e nos materiais usados nas estruturas de suporte dos microscópios, transformando-os em verdadeiras peças artísticas. Foram também introduzindo aperfeiçoamentos nas lentes ópticas, cuja capacidade só muitos anos depois viria a ter verdadeiro impacto na explicação das bases celulares das doenças. A ideia improvável de usar as ampliações permitidas por diferentes conjuntos de lentes e perscrutar aquilo que o olho humano não discriminava, veio a revelar-se a força motriz da evolução mais frutuosa para a compreensão da biologia humana e dos seus desvios, a patologia.

Nasce verdadeiramente com o microscópio um paradigma novo na história da medicina: poder olhar para os tecidos doentes com uma capacidade de ampliação que o olho não seria capaz de alcançar e comparar a sua morfologia com a dos tecidos sãos, dando significado às diferenças observadas. Foi Rudolf Virchow (1821-1902) quem antecipou esta revolução no conhecimento médico, ao publicar, em 1858, *Die Cellularpathologie*, a sua teoria celular fundada no conceito de *omnis cellula e cellula*, uma obra maior de pensamento biológico, que marcou decisivamente a medicina do nosso tempo. Quase duzentos anos depois das primeiras observações de Leeuwenhoek, em tudo o que a natureza lhe proporcionou, o microscópio ganhava um lugar central na compreensão dos fenómenos patológicos e antevia-se a sua relevância para uma nova categorização sistemática das lesões e uma nova visão das doenças.

Personalidade incómoda ao poder político da época, adversário temido de Bismarck, muito do pensamento de Rudolf Virchow foi influenciado pelo modo como entendia a dimensão social da Medicina e pelas ideias que perfilhava sobre a democracia, modelo político em que todos os componentes da sociedade tinham valor igual, a todos competindo contribuir para a harmonia social, ainda que cada qual o fizesse de modo diferente conforme as suas especificidades. Virchow concebia o regular funcionamento do organismo no bom entendimento republicano igualitário das células agrupadas nas suas pequenas comunidades, os tecidos. Uma ecologia democrática que a doença perturbava e o microscópio tornava perceptível e explicava. A anatomia das formas microscópicas revelava uma extraordinária eficácia para a identificação dos grandes grupos de doenças e do parentesco entre afecções aparentemente muito diferentes e, ao inverso, para distinguir entidades que apresentavam sintomatologias semelhantes. A partir da segunda metade do século XIX, o médico compreende que não poderia dispensar o microscópio na sua prática.

Rudolf Virchow recria a medicina anátomo-clínica científica. O seu legado científico, político e social, de grande magnitude, reconhece-o como uma das personalidades mais influentes do pensamento e da cultura do última metade do século XIX. O seu prestígio levava Osler e outras figuras médicas maiores do século, a visitá-lo no seu hospital, o Charité, em Berlim. O pensamento de Virchow frutificou através dos seus discípulos (Conheim, Erlich, von Recklinghausen), que se dispersaram por várias cidades alemãs, criando núcleos de divulgação da «nova» ciência e solidificaram o que ficou conhecido como a escola fundadora da anatomia patológica moderna. É provável ser essa a razão que levou Azevedo Neves a também rumar à Alemanha mal começara o século XX, estimulado pela curiosidade da nova especialidade e pelo prestígio dos seus nomes de referência. Esse estágio veio a ter uma grande importância na criação da anatomia patológica em Lisboa, embora esta disciplina já existisse há quase quatro décadas, mas exclusivamente como área na educação dos futuros médicos.

Havia sido em 1863 que D. Luís I tinha apostado a sua assinatura no documento oficial que criava a cadeira de Anatomia Patológica no ensino da Medicina. Datado de 26 de Maio, o documento régio, ao tempo designado *Diário de Lisboa*, chancelava, a partir do Paço de Sintra, uma área nova e obrigatória que deveria ser ensinada nas Escolas Médicas de Lisboa e do Porto, bem como na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Dava-se formalmente início ao ensino da patologia geral, mas sem nela incluir o microscópio, leccionando somente novos sistemas classificativos das doenças, baseados na observação das alterações macroscópicas identificadas nas autópsias e que tinham abalado preconceitos clínicos empíricos.

A inovação pedagógica exigia um professor empreendedor, que atraísse estudantes e levasse a anatomia patológica a alcançar o prestígio de que iam chegando ecos, através de visitas a centros estrangeiros e de publicações médicas provenientes de Itália, de França e, sobretudo, da Alemanha. Infelizmente não se conseguiu encontrar quem se aventurasse a tal empresa. Por isso, o conselho dos professores da Escola decidiu recorrer a um cirurgião, talvez por ser a disciplina que mais se aproximava da patologia na curiosidade e na utilidade para compreender as lesões de que os doentes operados eram portadores. Foi assim nomeado António Maria Barbosa, um açoriano que tinha vindo estudar para Lisboa onde obtivera «carta de médico-cirurgião». Alcançou fama e posição na corte, sobretudo após uma intervenção bem-sucedida na doença da rainha Dona Estefânia, em 1850. Com uma brilhante carreira hospitalar, chegou a director de enfermaria mas, na vida académica, aguardava a oportunidade de se tornar lente proprietário de cirurgia, cadeira que se encontrava ocupada. A atribuição dessa graduação académica na disciplina de anatomia patológica precedeu de mais de uma década a deslocação de António Maria Barbosa para lente de medicina operatória. Dele disse, no obituário, Manuel Bento de Sousa ser «um confrade que muito honrou a arte e a pátria». Não se crê que a anatomia patológica lhe tenha ficado tão devedora assim.

Seguiram-se, após o virar do século, e ainda por alguns anos, outras personalidades, quase todos cirurgiões, igualmente «em espera» para ganharem a titularidade da cadeira de cirurgia. Como escreveu Jorge Horta, esses professores (Curry Cabral, Boaventura Martins Pereira, Sabino Coelho, Câmara Pestana, Alfredo da Costa, Moreira Júnior e Custódio Cabeça) eram «simples prelectores, mais ou menos esforçados». Não lustraram a anatomia patológica e não se dedicaram a explorar e a transmitir as suas capacidades científicas e de participação na vida hospitalar, como o método de diagnóstico para as doenças. O ensino ministrado era exclusivamente teórico, baseado em livros de texto muitos deles desactualizados, sem conhecimento do que ia acontecendo nos países onde a medicina avançava, e não havia demonstrações ao vivo apesar de o acesso aos cadáveres e às autópsias não ter, à época, qualquer restrição social ou jurídica.

Chamado a Lisboa por Curry Cabral, enfermeiro-mor dos hospitais, para organizar o «laboratório de analyse clínica», Azevedo Neves compreendeu a dimensão do projecto e aceitou o desafio. Regressava da Alemanha onde colheira, directamente dos discípulos de Virchow, os novos e entusiasmantes ensinamentos da anatomia patológica. A vigorosa intervenção de Azevedo Neves veio corrigir a deficiência de um ensino que era só teórico e prestou uma valiosa colaboração ao professor proprietário da cadeira, o cirurgião Custódio Cabeça, com quem, entretanto, também partilharia os trabalhos da comissão para o estudo do cancro, de que foi elaborado um exemplar relatório em 1906. Homem de grande cultura, com interesses sociais diversos e importante intervenção cívica, Custódio Cabeça tinha-se apercebido, nas suas várias visitas aos principais centros cirúrgicos europeus, da relevância que por lá se atribuía à anatomia patológica, o que foi decerto decisivo para procurar influenciar o conselho escolar da Faculdade para a leccionação da cadeira ser atribuída a alguém que a ela se dedicasse por inteiro e a fizesse também crescer como especialidade hospitalar. Era preciso conquistar um espaço próprio, ganhar prestígio no meio médico, formar um escol de praticantes, o que o estatuto de «professor em trânsito para a cátedra de cirurgia» nunca iria permitir alcançar.

Foi Custódio Cabeça quem assim patrocinou a grande mudança no ensino da disciplina, ocorrido entre 1902 e 1910, e teve inequivocamente como protagonista, Azevedo Neves, personalidade brilhante mas com papel mal reconhecido na história da medicina de Lisboa.

A marca da influência do estágio que Azevedo Neves realizou na Alemanha fez-se notar na organização do serviço de «analyse clínica» do Hospital de São José. Começa por organizar a primeira secção do laboratório, precisamente a da anatomia patológica, como uma réplica da que existia nos hospitais onde estagiara. A profissionalização da anatomia patológica, enquanto especialidade destinada ao diagnóstico, encontra aí os seus primeiros passos. Os relatórios das autópsias, bem como os das biópsias e peças remo-

vidas nas cirurgias eram cuidadosa e exaustivamente detalhados. O arquivo desses documentos, bem como das preparações microscópicas eram objecto de uma rigorosa catalogação, o que muito beneficiou as gerações vindouras quando houve que efectuar estudos retrospectivos. Com minúcia e irrepreensível sistematização acumularam-se materiais de excepcional valor científico para investigação e de valor didáctico para o ensino dos alunos. Azevedo Neves desempenhou durante alguns anos as funções de chefe de trabalhos práticos da cadeira de anatomia patológica, mas o seu papel fez-se notar muito para lá do que aquela denominação poderia sugerir. A sua intervenção foi verdadeiramente fundacional da anatomia patológica em Lisboa. Não só pela organização, como também pela influência no ensino escolar e dos próprios médicos, que passaram a frequentar o laboratório para esclarecer o que sucedera aos doentes que tinham operado.

Um facto novo veio, uma vez mais, fazer retroceder a evolução da anatomia patológica em Lisboa. Azevedo Neves é nomeado professor de Medicina Legal, cátedra que havia ficado vaga. Havia que organizar o ordenamento jurídico e profissional desta área médica, entretanto autonomizada do ensino da Higiene e da Medicina Social, a cargo de Ricardo Jorge. Era preciso instalar apropriadamente os laboratórios de toxicologia e biologia forense e dotar de condições de higiene e decência técnica a sala das autópsias, substituindo a decrépita Morgue de Lisboa. Foi uma tarefa hercúlea em que Azevedo Neves foi bem-sucedido, como em muitas outras actividades em que se envolveu, designadamente no âmbito político e social. Ter-se-á perdido um grande professor de anatomia patológica, mas não o académico de invulgar brilho a quem, entre outras coisas, o país ficou a dever a estruturação do ensino técnico-profissional, quando exerceu funções ministeriais no consulado de Sidónio Pais.

Custódio Cabeça, compreendendo a necessidade de encontrar outro professor inteiramente dedicado à cadeira, propôs o nome de Pinto de Magalhães, que transitara da secção médica, isto é, seria o primeiro professor que não era cirurgião nem estava em trânsito para ocupar uma cátedra de cirurgia. Mas Pinto de Magalhães pouco sobreviveu à sua nomeação, falecendo precocemente, em Dezembro de 1911. Não havendo intramuros quem sentisse apelo para uma dedicação profissional plena à anatomia patológica, a Faculdade de Medicina, que a implantação da República fizera substituir a Escola Médico-Cirúrgica, decidiu, numa medida inovadora, dirigir convites a professores estrangeiros. Aceitou a incumbência Enrico Emilio Franco, que detinha considerável prestígio em Itália, onde fora discípulo de Pio Foa. Até à sua contratação, Azevedo Neves assegurou, de modo transitório e em acumulação, o ensino da cadeira e responsabilizou-se pela realização de análises histológicas que eram em escasso número. As tarefas na Medicina Legal e as responsabilidades políticas absorviam Azevedo Neves quase por inteiro, pelo que nenhum progresso é reconhecido ao tempo que aguardou a chegada de Franco ou em que o substituiu nos anos de 1917 e 18, quando este foi mobilizado para o exército italiano, envolvido no conflito da Primeira Guerra Mundial.

Apesar desse interregno e da fama de homem difícil, a contratação de Emilio Franco revelou-se frutuosa. Organizador meticoloso, atraiu estudantes por esta actividade, conseguiu reunir-se de um grupo de jovens médicos e iniciou a publicação, que se manteve por longos anos, dos *Trabalhos do Instituto de Anatomia Patológica*. De entre o grupo de colaboradores, destacou-se Henrique Parreira, que também peregrinara em aprendizagem pelos laboratórios de Pick e Hansemann, na Alemanha, e veio a ser responsável pelo ensino da cadeira na Faculdade de Medicina de Lisboa, mais de uma vintena de anos. A profissionalização da actividade do diagnóstico morfológico fez nascer a necessidade de acompanhar as modas da Europa que liderava as ideias na ciência médica. Parreira foi então nomeado prossector do Hospital Escolar de Santa Marta, mas veio sobretudo a dedicar-se às análises histopatológicas, aproximando médicos e cirurgiões à anatomia patológica, já que o microscópio ganhava, cada dia, maior importância como instrumento indispensável à prática da clínica. Mas os caminhos de Henrique Parreira tomaram um novo rumo quando aceitou o convite de Francisco Gentil para dar corpo ao que se afigurava um desafio entusiasmante: criar

uma instituição para o estudo e o tratamento do cancro, que seria inovadora e funcionaria segundo os modelos mais avançados da época. A actividade de Parreira como membro da sua comissão directora afrouxou o seu empenhamento na criação de uma escola de anátomo-patologistas, que pusessem em prática as promessas que esta área médica anunciava. Esse objectivo veio a ter uma concretização casual mas feliz com a vinda para Portugal, em 1934, de Friedrich Wohlwill, precisamente para o Instituto de Oncologia.

A carreira de Wohlwill atingira já o topo, ao substituir Simmonds, um nome respeitado da patologia alemã, no prossectorado do Hospital de S. Georg, em Hamburgo. Wohlwill aprendera com Fraenkel, cuja reputação era grande e tivera Conheim por mestre, ele próprio discípulo de Virchow. Possuía, assim, uma respeitável genealogia na grande escola de patologia alemã. Os alvares da Segunda Guerra Mundial determinaram a prudente emigração, quando já sofria perseguições pela sua origem judia. A escolha de Portugal, por entre razões não conhecidas, não deverá estar desligada da amizade do seu mestre de neurologia, Max Noone, que dedicava grande admiração a Egas Moniz, e da boa relação estabelecida com Dâmaso Prates, promissor médico português que Francisco Gentil enviara para Hamburgo, para estagiar com Simmonds. O intuito era criar um prossectorado de anatomia patológica no Instituto de Oncologia, pela importância que se antevia desta especialidade para o diagnóstico do cancro. Gentil acolheu Wohlwill, cuja fama rapidamente chegou à comunidade médica culta da época, o que de certo lançou algumas nuvens nas relações entre estas duas personalidades. Atento a esses rumores, Pulido Valente, propõe a Gentil que Wohlwill se transferisse para idêntico lugar na Faculdade de Medicina. Esse empenhamento de Pulido Valente junto de Gentil e do Conselho Escolar veio a ter uma grande repercussão no crescimento científico da Faculdade, pela influência técnica e educativa que Wohlwill nela exerceu, através da divulgação e prática do método anátomo-clínico. A anatomia patológica seria «o maior travão à fantasia do clínico e à medicina afrancesada», como ironizava Pulido Valente.

Riguroso, austero, praticante amador de violino e viola de corda, Wohlwill fez em Lisboa «um recomeço heróico de carreira, com condições inexistentes e num meio sem cultura médica de interligação com a patologia», o que lhe valeu um unânime sentimento de admiração e respeito. Tinha «uma vontade férrea e resistência moral num meio onde tudo faltava», no testemunho grato de João Cid dos Santos que, num tom confessional, refere ainda: «O nosso meio médico caracterizava-se por uma crítica feroz a qualquer aparência de erro alheio e ao sigilo sobre os erros próprios de qualquer espécie». Com Wohlwill «aprendemos a operar melhor e a perder o amor-próprio mal compreendido, a respeitar-nos mutuamente e a aceitar a liberdade da crítica sem intenção maligna, nas discussões públicas dos casos autopsiados». Neste testemunho de um Homem de invulgares qualidades académicas e um superior «estofo moral» podemos apreender a dimensão formativa que a intervenção de Wohlwill veio a ter na Faculdade de Medicina de Lisboa, que se fez notar muito para além da excelência dos seus conhecimentos técnicos.

Wohlwill fez escola e discípulos, dois dos quais vieram a ser figures tutelares na Faculdade: Jorge Horta, que assumiu a cátedra em 1948, e Arsénio Nunes, que foi mais tarde dirigir o Instituto de Medicina Legal, afastando-se da anatomia patológica universitária e com quem Wohlwill manteve sempre uma relação próxima, talvez pela austeridade e disciplina de trabalho que ambos cultivavam. Nos doze anos em que permaneceu em Lisboa, Wohlwill estruturou as bases da anatomia patológica profissional e académica de Lisboa, deu início a uma escola que Jorge Horta ampliou, acrescentando-lhe reconhecimento internacional e prestígio, designadamente através dos trabalhos sobre os efeitos do torotraste e sobre a amiloidose de tipo português. Jorge Horta tinha invulgares qualidades de liderança, temperadas por determinação férrea, capacidade de trabalho, voz autoritária, indisfarçável auto-estima e uma certa afectividade contida, características que lhe proporcionaram rodear-se de um grupo de colaboradores que veio a marcar a anatomia patológica de Lisboa, no espírito de «dedicação, sacrifício, paixão», para usar palavras que eram suas. Teve a arguta percepção de como a especialidade ia evoluindo no «mundo científico», do peso crescente

da patologia norte-americana onde emergia, pujante, a *surgical pathology* que fazia um certo «*guiding the surgeon's hand*». Era cada vez maior a especialização dos conhecimentos nos diferentes sectores da patologia, pouco compatível com a visão generalista dos tempos de Wohlwill e do que, no pós-guerra, sobrevivera da escola alemã. Surgiam novas técnicas de histoquímica e nascia o entusiasmo pela microscopia electrónica, de que as revistas faziam eco. Jorge Horta enviou discípulos para centros internacionais reputados, escolhendo as áreas onde deveriam adquirir experiência. Alguns não voltaram (Ellen Levy, Isabel Filipe) e seguiram carreiras próprias, com reconhecimento técnico e científico em paragens fora do país; outros, que por aqui ficaram, vieram também a ter expressão internacional (os trabalhos de patologia pulmonar profissional de Cortez Pimentel e o acolhimento prestigiante de Amélia Baptista nos melhores fóruns de hepatologia). Com a jubilação de Jorge Horta foi afrouxando o impulso exigente de excelência assistencial, o empenho em publicar nas revistas internacionais prestigiadas, o intercâmbio com os altares sacralizados da patologia, a visão sobre o futuro da especialidade que não deveria ficar acantonada ao reduto gestáltico da identificação morfológica das lesões, acrescentando-lhe novos vocabulários, provenientes da imunologia, da genética e da biologia molecular.

A criação de novos hospitais fez emergir na cidade outros serviços de anatomia patológica, para lá do serviço académico do Hospital de Santa Maria e do reduto dos Hospitais Cívicos, herdeiro quase secular do serviço que Azevedo Neves havia criado no Hospital de São José. As exigências da intervenção da especialidade na prática assistencial desses novos hospitais disseminou serviços de anatomia patológica por Lisboa, dispersando recursos e perdendo-se o espírito de escola na formação dos patologistas, o que não enriqueceu a especialidade, que se não encontrava abonada de cultores. Uma nova unidade de ensino médico surgida entretanto em Lisboa, na década de 70, a Faculdade de Ciências Médicas, fez nascer outra área de ensino da anatomia patológica, que reforçou a sua leccionação em duas cadeiras autónomas. Gil da Costa, da escola do Porto e regressado de Luanda na sequência do movimento de independência, foi o primeiro professor, a quem veio a suceder Viegas Mendonça, que havia sido discípulo directo de Jorge Horta. Já nos anos 90, o ensino centrou-se no Instituto Português de Oncologia, curiosamente a instituição que tinha acolhido Wohlwill em 1934. Aí formou-se uma plêiade de jovens patologistas que interpretou o sentido da anatomia patológica moderna, estagiou em centros reputados, adquiriu respeitabilidade internacional em áreas diferenciadas da patologia, inscreveu o seu nome em publicações prestigiadas, adquiriu títulos académicos e, de certa forma, talvez tenha reinterpretado, vinte anos depois, o legado interrompido das ideias e do projecto de Wohlwill e de Jorge Horta.

Bibliografia

- COSTA, J. Celestino da, *Um certo conceito da Medicina*, Lisboa: Gradiva, 2001.
- COSTA, J. Celestino da, *Friedrich Wohlwill. Ensaio biográfico*, Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa, 2003.
- HORTA, J. da Silva, «A anatomia patológica na Escola Médico-Cirúrgica e na Faculdade de Medicina de Lisboa. A sua evolução como especialidade e o seu ensino», *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa* 1963; XXXV: 288-385.
- HORTA, J. da Silva, DAVID, A. Morais, SANTOS, J. Cid dos, «Primeiro centenário da criação da cadeira de anatomia patológica na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa», *Gazeta Médica Portuguesa* 1964; XVII: 177-89.
- HORTA, J. da Silva, «Vinte anos de professor catedrático de Anatomia Patológica», *Semana Médica* 1969, 10 (498).
- PEREIRA, A. Torres, BOTELHO, L. Silveira, SOARES J., *A Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e os seus Presidentes (1835-2006)*, Lisboa: Fundação Oriente, 2006.
- PORTER, R., *Medicine. Cambridge Illustrated History*, Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- SOURNIA, J-C, *Histoire de la Médecine*, Paris: La Découverte, 1992.
- TUBIANA, J., *Les chemins d'Esculape*, Paris: Flammarion, 1995.